

Desigualdades, gêneros e consumo (hiper)midiático na leitura sobre o videoclipe *Flutua*¹

Wilton GARCIA²

Faculdade de Tecnologia (Fatec) Itaquaquecetuba, SP.
Universidade de Sorocaba (Uniso), Sorocaba, SP.

RESUMO

Este texto apresenta uma leitura sobre o videoclipe *Flutua* (2017, 7 minutos), de Ricardo Spencer, com música de Johnny Hooker e a participação de Liniker, ao (re)considerar desigualdades de gêneros e consumo (hiper)midiático. Como percurso metodológico para observar, descrever e discutir este audiovisual, o formato ensaio auxilia no debate acerca da contemporaneidade, relacionando emergências entre diversidade, consumo e tecnologia. Os resultados, aqui, coordenam a produção de conhecimento atrelada à produção de subjetividade e à produção de informação, mediante as adversidades da violência homofóbica destacadas pelo mercado-mídia no Brasil e no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Videoclipe, consumo (hiper)midiático, cultura contemporânea.

*O que vão dizer de nós?
Seus pais, Deus e coisas tais
Quando ouvirem rumores do nosso amor.*

Johnny Hooker (2017)

Afeto que afeta aflora rumores de um amor diferente. Há uma proposição poética na extroversão performática da epígrafe. Ouvir a música de Johnny Hooker e assistir o videoclipe convoca um amor especial: o amor homoerótico. Afinal, *ninguém vai poder querer nos dizer como amar!*

Um devorar antropofágico desestabiliza o normativo e cede lugar à diversidade, que se prolifera aos olhos da contemporaneidade. Tal canção provoca o sistema hegemônico, pois alerta para uma realidade (de)marcada pela alteridade – para além do binarismo dos gêneros (masculino x feminino). Também, contribui para a sobrevivência das comunidades LGBTTQI (Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais, Queers e Intersexs) e afins, ao enfrentar a vida. Pauta-se, agora, a agenda de pessoas transgêneras. Ou seja, são pessoas, que não satisfeitas com o que tem ou o que são, fazem intercâmbios, pois estão em trânsito...

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Artista visual, Doutor em Comunicação pela USP, é Professor da Fatec Itaquaquecetuba/SP e do Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso, e-mail: 88wgarcia@gmail.com

O foco deste estudo explora desigualdades de gêneros e consumo (hiper)midiático na expectativa de propor uma discussão a partir de diversas produções como: conhecimento, imagem, experiência, subjetividade e/ou informação. Instauram-se (des)territorialidades de enunciados, fragmentados e não-lineares, que em sua extensa imprevisibilidade circunda o consumismo pautado pela espetacularidade e pelo entretenimento.

E, assim, surge uma problematização, em forma de pergunta: como desenvolver uma produção de conhecimento a respeito de desigualdade, gênero, consumo e tecnologia para impactar/sensibilizar a sociedade atual no país?

Portanto, o presente texto³ apresenta uma leitura sobre o videoclipe *Flutua*⁴ (2017, 7 minutos), de Ricardo Spencer, com música de Johnny Hooker e a participação de Liniker. A escolha deste objeto de investigação pontua a irreverência política pautada dessa referida proposta audiovisual.

Como percurso metodológico para observar, descrever e discutir este audiovisual, o formato ensaio auxilia no debate acerca da contemporaneidade. Essa última destaca-se pelo conjunto de aspectos econômicos, identitários, socioculturais e/ou políticos. Ao (re)considerar a sociedade atual, trata-se de um ensaio cujas estratégias discursivas enfocam ações inclusivas de diferentes grupos minoritários. Ou seja, os critérios desta proposta ensaística coopera com a reflexão e a escrita (CANCLINI, 2016).

Do ponto de vista teórico-político, os *estudos contemporâneos* (BAUMAN, 2015; BUTLER, 2017; CANCLINI, 2016; GUMBRECHT, 2015; YÚDICE, 2016), aproximam os *estudos culturais* e as *tecnologias emergentes*. Esses estudos posicionam um esforço de desenvolver uma teoria política e social, na expectativa de (re)formular articulações táticas da contemporaneidade, em sintonia com o escopo proposto. Já a contemporaneidade ressalva recorrências do cotidiano, ao elencar parâmetros que atualizam e/ou inovam, para além da (re)dimensão cronológica.

A partir dessas notas introdutórias, o referido texto está distribuído em quatro partes: *Desigualdades de gêneros*; *Consumo (hiper)midiático*; *Flutuar*; e *Desfecho*. De forma flexível, são partes que perfazem predicções no campo contemporâneo da comunicação e da cultura para ponderar a violência homofóbica atual.

³ Faz parte da pesquisa *Imagem, cultura e diversidade: estudos contemporâneos* (2016-2018)

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>>, com mais de 2 milhões de visualizações.

Desigualdades de gêneros_

A predominância ou ausência de equidade em qualquer situação inscreve as desigualdades econômicas, identitárias, sociais, culturais, políticas e, com isso, inclui as desigualdades de gêneros. A discriminação e o preconceito contra a mulher e as pessoas transgêneras na equiparação entre diferentes sujeitos retrata as desigualdades de gêneros. Essa violência explícita contra grupos minoritários (étnico-racial, religioso, sexual, de gênero etc.) junto às comunidades LGBTTQIs intensificam as desigualdades. Para Butler (2017), a (re)dimensão do feminino diante da identidade de gênero estabelece, de maneira estratégica, uma condição performativa, na qual a identidade pauta um fluxo de possibilidades (dis)juntivas.

Lidar com alteridade, diferença e/ou diversidade parece “mexer” com o/a outro/a, pois o/a estranho/a traz consigo variáveis complexas de representação, ao elaborar qualquer dinâmica não reconhecida. O que seria inaceitável ou, ainda, intolerável para o sistema hegemônico, pois esse/a estranho/a (diferente) constitui suas próprias normatizações – em um viver distinto. Quem sabe, é possível verificar determinado grau de insuportabilidade que tangencia a discussão acerca de desigualdades de gêneros, para além do gênero binário (masculino x feminino), no indicativo de pluralidades?

De acordo com Gianetti (2016, p.99):

A desigualdade observada reflete essencialmente os talentos, esforços e valores diferenciados dos indivíduos ou, ao contrário, ela resulta de um jogo viciado na origem e no processo, ou seja, de uma profunda falta de equidade nas condições iniciais de vida, da privação de direitos elementares e/ou discriminação racial, sexual, de gênero ou religiosa?

Do ponto de vista ético, é fundamental estabelecer a justiça na distribuição de direitos, oportunidades e valores, para todos/as em um pluralismo que compreende alteridade, diferença e diversidade. Isso implica reconhecer a dinâmica do sujeito, bem como sua contextualização sociocultural. De modo lamentável, não se observa equidade que aproxime sujeitos e ambiente, o qual os relacionem às condições ideais de adaptabilidade em um sistema. Escrever a respeito disso é, também, confirmar os Direitos Humanos (BAUMAN, 2015).

Das contradições enunciadas, as desigualdades de gêneros não demonstram qualquer expectativa de formalizar uma normatividade, ao desequilibrar as convencionalidades. Desse fato, não se prevê conservadorismo e/ou tradicionalismo, pelo contrário, pregoa uma abertura flexível capaz de deslocar objetos e/ou contextos. Segundo Ribeiro (2017, p.84) escreve:

Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas este homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travesties a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social assim como o homem branco cis.

O lugar de fala deve ser ocupado pelo sujeito sem privilégios. Na falta de isonomia, as desigualdades (econômica, cultural, social, de gênero, entre outras) separam as variáveis enunciativas, que engendram dinâmicas outras, sem desfavorecer a condição humana de contratempos. Ou seja, as desigualdades – assinaladas por desproporcionalidades, nem sempre (re)conhecidas – comportam fatores díspares, a predominar qualquer reparação.

Na escrita de Gumbrecht (20015, p.50) a respeito do corpo contemporâneo:

Assumir que homens e mulheres sentem, vivem e talvez até pensem de modos diferentes tornou-se parte de nossos dias, como tópico frequente de conversa e como premissa de inúmeras interações. Estamos agora dando o próximo passo, entendendo o gênero como distinção não binária.

Esse autor confirma a necessidade de pensar acerca de gêneros. Há sim um aumento discrepante de desigualdades de gêneros, a abarcar a complexidade de dessemelhanças vulneráveis. Esta última culmina no desigual em um tratamento desumano, inclusive com pessoas transgêneras. O direito de igualdade tenta diminuir e/ou superar as dificuldades, ainda mais na esfera profissional e social. Essas transversalidades solicita um ato (dis)juntivo sobre a natureza das desigualdades de gênero, tendo em vistas as mais diversas problemáticas contemporâneas.

Para além do lugar comum, isso mostra a realidade cruel em que ricos e pobres se distanciam, como se o primeiro carregasse vantagem e o segundo culpa. Conforme escreve Bauman (2015, p.65), “todas as variedades de desigualdade social derivam da divisão entre os ricos e os pobres”. E parece ser injustificável quando se pensa a extensão desse tipo de representação social.

Consumo (hiper)mediático_

A sociedade digital (de)marca-se pelo cotidiano globalizado do mercado-mídia, cujo binômio fortalece o consumismo, sobretudo com internet, redes sociais, telefone celular etc. Na contemporaneidade, ao aproximar a noção de mercado com a mídia (e vice-versa), registra-se um desdobrar consistente em prol do consumo. Juntos, mercado-mídia, equacionam compra e aquisição. Portanto, reunir ambos (mercado-mídia), para reforçar o consumo, significa otimizar ações capazes de solidificar o capital, ao desconsiderar, de forma paradoxal, a condição humana. O que parece ser bastante preocupante.

Seria irônico afirmar que o consumo (hiper)mediático agencia/negocia o efeito efêmero de qualquer manifestação mercadológica-midiática, a ativar o universo das sensações. Tal circunstância cria uma suspensão da substância performativa do sujeito – em sua sujeição (inter)subjetiva tanto no instante publicitário, promocional, quanto na instância venal. E as experiências atuais exploram outras maneiras de se perceber o mundo, inclusive o consumo (hiper)mediático que atua disfarçado em seu discurso sofisticado com as tecnologias emergentes. De acordo com Bauman (2015, p.59), “produtos da tecnologia do consumidor pescam seus clientes com a isca de satisfazer seu narcisismo” e antecipam as decisões do consumo.

Já Rendueles (2016, p.101) defende que:

Segundo uma opinião muito difundida hoje, os alicerces de nossas sociedades seriam construídos em um espaço telemático, no qual se encontram indivíduos autônomos sem outra relação além de seus interesses comuns. O ponto-chave dessa ideia reside em os vínculos sociais das tecnologias da comunicação poderem conviver com a fragmentação da subjetividade pós-moderna. E mais: dependerem dela.

Essa dependência citada legitima o consumo (hiper)mediático, sem ser tão percebido. Assim, novas formas de produção da comunicação modificam as disputas estratégicas as quais ampliam o impacto desse consumo. Por isso, diferentes contrapontos expõem olhares, opiniões e/ou posicionamentos e se mantêm como pluralidade da sociedade no processo de desenvolvimentos da regulação dos meios de comunicação (SODRÉ, 2014). Dessa situação, políticas midiáticas precisariam ficar mais atentas às políticas culturais (YÚDICE, 2016).

Na lógica de segmentar (dividir, separar, partir, decompor), o mercado acena as tendências frenéticas que transitam nos fluxos específicos das redes sociais, cuja informação é (re)cortada, editada, para suprir o interesse de cada um. Agora, informação significa mercadoria (vice-versa), visto que a experiência de consumo elege apenas a sensação como princípio básico de qualquer tipo de relação comercial. Ao escrever acerca de comunicação, desfronteirização dos gêneros e estratégias identitárias, Villaça (2017, p.1) afirma:

Se a comunicação é uma questão muito antiga na humanidade, a explosão de técnicas, há um século, modificou consideravelmente seu estatuto. (...) O interesse da comunicação como objeto de pesquisa teórica reside na mescla de dois pontos de vista: valores e performances técnicas; ideal e capital, parecendo necessário distinguir o que provém da lógica do capital e o que provém da lógica dos valores. (...) Ninguém duvida dos benefícios que a tecnologia da informação tem proporcionado ao permitir a todos acessar, em tempo real, informações sobre quase tudo que existe no mundo.

Ainda, a respeito de incerteza, indiferença e violência individuais e coletivas, Villaça (2017, p.1) complementa: “identidade e diferença constituem o polo de grande importância nas práticas discursivas, cujas estratégias exigem sempre mais acuidade dos críticos/semiólogos, em meio à dissolução geral das fronteiras”. Essas colocações da autora permitem ponderar artimanhas do consumo (hiper)mediático no campo contemporâneo da comunicação (SODRÉ, 2014). Isso traduz a diversidade sexual no campo contemporâneo da cultura (RIBEIRO, 2017; CANCLINI, 2016), no Brasil e no mundo. A seleção restritiva que se faz no mercado-mídia conduz uma mensagem preparada para ser consumida. Se, cada vez mais, a informação está sendo oferecida como mercadoria, vale a pena destacar as possibilidades de proposição comunicacional: uma armadilha de manipulações prontas para intensificar o consumo.

A condição de sobrevivente é um efeito generalizado do biopoder contemporâneo; ele não se restringe aos regimes totalitários e inclui plenamente a democracia ocidental, a sociedade de consumo, o hedonismo de massa, a medicalização da existência, em suma, a abordagem biológica da vida numa escala ampliada (PELBART, 2013, p.27).

E, quando isso não acontece, é necessário (re)pensar o sobreviver que pulsa entre o que é produzido e o que está exposto para ser consumido. Nesse caso, o consumo (hiper)mediático gera tendências que aceleram o processo de comunicação contemporânea. E, agora, a cultura digital inflama o debate plural.

Flutuar

Para a discussão a respeito de desigualdades de gêneros e consumo (hiper)mediático, o videoclipe *Flutua* é uma oportunidade de exemplificação. Os ataques homofóbicos, em São Paulo, (re)dimensionam situações recorrentes na contemporaneidade. Sendo assim, o videoclipe serve de aviso – mais que uma mera alegoria – ao enunciar problemas (de violência, injúria, injustiça, discriminação e/ou preconceito) enfrentados pelas comunidades LGBTTQIs e afins, no Brasil e no mundo. Logo, o enredo de *Flutua* utiliza a estratégia cinematográfica de narrativa circular, uma vez que o vídeo inicia e termina na extensão contínua (um *continuum*): uma contingência de contaminações intermediadas pelo viver. Eis a elaboração metafórica de um do vazio sonoro do ar com a suspensão complexa ao espaço-tempo como dentro-fora (e vice-versa).

Foto 1 – *still* do videoclipe



Fonte: HOOKER, Johnny. *Flutua*. Disponível em: <goo.gl/Mtm7nn>.

Composta pelo próprio Johnny Hooker, a letra da música legitima uma mensagem (militante) radical: *Ninguém vai poder querer nos dizer como amar*. Essa frase da canção é repetida de modo exaustivo. A mensagem, em estilo de balada romântica, conclama a pulsão de um amor flutuante, em que se alterem as possibilidades do viver. A abrangência da liberdade solicita uma abertura necessária à condição humana de flutuar (suspender, voar) com o desprendimento de dissidência. Um leque de desigualdades pode ser visto/lido em *Flutua*, em contraponto à ignorância de conservadores/as, que teimam na ultrapassada prevalência da tradição.

Na sequência musical, surge um (re)corte abrupto: o cinemático. O desenrolar poético dessa trama exhibe o ponto alto de uma história cinematográfica de amor homoerótico com direito a beijo. O ápice desse audiovisual elege um intervalo pontual, cuja situação crítica ilustra em pouco mais de um minuto (2'27-3'34), conforme descrita a seguir.

O cenário escolhido é debaixo do viaduto da Avenida Amaral Gurgel, região central da cidade de São Paulo – um lugar ícone da cultura LGBTTQI, (re)conhecido reduto de frequentadores/as de casas noturnas: gays, travestis, pessoas transgêneras, garotos/as de programas, prostitutas e afins. Hoje, é um local bastante decadente, pautado de uma realidade legítima. Agora, caminhar por qualquer cidade grande, no Brasil e no mundo, ficou perigoso, pois já não é possível (nem seguro) usufruir da vida noturna na metrópole, sem correr o risco de ser agredido/a, violentado/a e/ou assaltado/a por estranhos indelinqüentes (YÚDICE, 2016).

Os protagonistas desse amor homoerótico – interpretados por Jesuíta Barbosa e Marcelo Destri – estão em sintonia, enamorados. Parece que acabaram de voltar de uma balada com os/as amigos/as e se despedem, de maneira tranquila, com expressões sensíveis de seus sentimentos. Há um gostar homoerótico desenfreado. Com os corpos, aproximam-se por toques, beijos, abraços, amassos e/ou aconchegos especiais. Se entreolham, se tocam, se acariciam, se querem, se desejam. O gesto se repete por entrecortes do videoclipe. Dividem publicamente afagos, carinhos e intimidades, longe de qualquer constrangimento, repreensão de si ou disfarce, porque parece que não têm dúvida desse gostar. Logo, a cena emociona, uma vez que demonstra a diversidade sexual, na ordem do afeto. Tudo isso é suave, leve e delicado.

Foto 2 – *still* do videoclipe



Fonte: HOOKER, Johnny. *Flutua*. Disponível em: <goo.gl/Mtm7nn>.

Aos poucos, essa atmosfera romântica entre ambos se desfaz, visto que um sai em direção ao fundo, no canteiro central da avenida. Um breve adeus surge, como quem não quer ir embora, para não deixar o objeto de desejo homoerótico. E isso cria uma perspectiva visual (uma abertura espacial de profundidade cinematográfica), pois se distanciam devagar, andando de costa para a câmara, enquanto o amado o observa partir. Já não é sem tempo. De modo simultâneo, o outro faz um movimento contrário, uma vez que se aproxima do/a espectador/a (consumidor/a; usuário/a-interator/a) caminhando, em primeiro plano (PP), na direção frontal da câmara. Nesse contexto, apenas quem assiste ao videoclipe consegue testemunhar a cena completa do casal em despedida. Porém, o inevitável acontece e é impossível avisar do perigo. Afinal, é uma ficção.

Tal ruptura não permite que um perceba o que ocorre com o outro. Em contraponto a essa poética fílmica de (dis)junção e/ou (des)encontro, em poucos segundos, surge na tela uma terrível imagem de guerra. Ou seja, algo devastador ocorre em uma cena tenaz e cria um estardalhaço, pois mais que falar de amor. O videoclipe mostra, de imediato, uma passagem de violência homofóbica. De repente, dois rapazes entram no fundo do enquadramento, com um objeto na mão (que parece ser lâmpada fosforescente ou um porrete de madeira, ferro etc.). Eles correm e espancam a vítima. Desse feito covarde, os dois dão chutes, pontapés e socos para completar o ataque injustificável: a violência realizada por outros dois rapazes fortes contra um dos amantes.

Esse acontecido caracteriza o momento de violência contra o jovem gay surdo e causa indignação. Como jogo simbólico do videoclipe, a introdução da surdez nesse contexto aborda a incapacidade de reagir às adversidades do inesperado e desenha as condições de fragilidade do corpo a respeito da vida. As condições do viver passam, então, a ser um ponto percebido como perigo – a precariedade da sobrevivência humana (PELBART, 2013). E, de maneira contraditória, não há outra razão para se receber o ataque físico, senão a homofobia. Por um lado, seria uma citação direta aos fatos violentos recentes, realmente, ocorridos na cidade de São Paulo. Por outro, isso se traduz em uma fonte rica de discussão mediante a fragilidade de Ser/Estar do sujeito, a buscar prevalecer o respeito dos Direitos Humanos (BAUMAN, 2015).

Desfecho_

As autoras citadas neste trabalho (BUTLER, 2017; RIBEIRO, 2017; VILLAÇA, 2017) expõem a necessidade de investigar, de modo mais amplo (em sintonia com a diversidade, a cooperação e a solidariedade), as características distintas da sociedade atual. O que tem a ver com a produção de conhecimento pautada pela produção de subjetividade, em que ambas possam gerar a produção de informação, em especial no campo contemporâneo da comunicação e da cultura. Conseqüentemente, isso influencia na produção tecnológica de conteúdo na internet, como se observa a exemplificação cinematográfica deste videoclipe *Flutua*.

Foto 3 – *still* do videoclipe



Fonte: HOOKER, Johnny. *Flutua*. Disponível em: <goo.gl/Mtm7nn>.

A intensidade dessa *experimentação poética* desafia o mundo, a partir do olhar do protagonista no final do videoclipe em um enquadramento cinematográfico. Para além do senso comum, a desigualdade (étnico-racial, religiosa, sexual, de gênero etc.) requer uma “nova/outra” lógica contemporânea, capaz de ressaltar variantes discursivas. As desigualdades devem, sim, celebrar com a diversidade de vozes destoantes que se multiplicam e expressam, ao mesmo tempo, uma vontade. Seria uma lógica outra capaz de pressupor outras formas de reflexão acerca da sociedade contemporânea, em que se torne possível viver e respeitar a diferença. Ultrapassar o sistema hegemônico faz parte das mediações entre sujeitos e podem ser geradas, sobretudo com as tecnologias emergentes em alta.

O consumo (hiper)mediático oferece possibilidades de diferentes discursos como o videoclipe *Flutua*. Este último, então, promove uma discussão a respeito da violência de gêneros, quando jovens são agredidos/as por homofobia, lesbofobia, transfobia etc. Como (re)dimensão de uma *política da diversidade*, torna-se fundamental ocupar os espaços públicos (reais, virtuais e/ou atuais), com vozes periféricas/subalternas, para não permitir a exclusividade do monólogo do sistema hegemônico. Contudo, é preciso ter cuidado, pois desafios de empoderamento da grande mídia tentam abafar a voz das mídias alternativas. E *Flutua* pode ser uma alternativa plausível, pois a ousadia está presente na forma de combater a discriminação e o preconceito

Ao certo, ninguém vai poder querer nos dizer como amar!

Referências_

- BAUMAN, Z. **A riqueza de poucos beneficia todos nós?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder:** teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho.** São Paulo: EdUSP, 2016.
- GIANNETTI, E. **Trópicos utópicos.** São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- GUMBRECHT, H. U. **Nosso amplo presente:** o tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Unesp editora, 2015.
- HOOVER, Johnny. **Flutua.** Disponível em: <goo.gl/Mtm7nn>. Acessado em: 20 mar 2018.
- PELBART, P. P. **O avesso do niilismo:** cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- RENDUELES, César. **Sociofobia:** mudança política na era da utopia digital. São Paulo: SESC edições, 2016.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum:** notas para o método comunicacional. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- VILLAÇA, Nizia. Comunicação, desfronteirização dos gêneros e estratégias identitárias. **Artifactum.** Revista de estudo em linguagens e artecnologia. V. 15, n. 2, p. 1-14, 2017. Disponível em: <goo.gl/RzsBfg>. Acessado em: 20 jan 2018.
- YÚDICE, G. Os desafios do novo cenário midiático para as políticas públicas. **Observatório,** São Paulo, Itaú Cultural, n. 20, p. 87-113, jan/jun 2016. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2016/05/OBS20_BOOK_AF-ISSUU.pdf> Acessado em: 01 jan. 2018.